



RITA VON HUNTY: VISIBILIDADE DRAG NAS REVISTAS CLAUDIA E TRIP PARA MULHER (TPM)¹

Tarcyanie Cajueiro Santos²

Francisco Sirtori³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo realizar um estudo exploratório sobre a drag queen Rita Van Hunty, buscando compreender de que forma ela é visibilizada midiaticamente. Para tanto, nos apoiamos em um levantamento documental no qual analisamos, em uma abordagem qualitativa, inspirada na análise do discurso de Foucault, os conteúdos de reportagens publicadas sobre ela na internet em duas revistas femininas de perfis diferentes: Claudia e TRIP para Mulher (TPM). O referencial teórico se baseou nos estudos de gênero em Butler (2003) e Louro (2018). Os modos pelos quais Rita é visibilizada midiaticamente são variados. Enquanto a revista Claudia apresenta uma versão mais “comportada” da drag, Trip para Mulher (TPM) explora temas caros à comunidade LGBTQIA+, sem, contudo, ir além da questão identitária.

PALAVRAS-CHAVE: *Gênero. Identidade. Representação. Drag Queen. Rita Von Runty.*

ABSTRACT: This paper aims to conduct an exploratory study on drag queen Rita Van Hunty, seeking to understand how she is viewed in the media. In this way, we are inspired by the analysis of Foucault's discourse in the contents of reports published about her on the internet in two women's magazines of different profiles: Claudia and TRIP for Women (TPM). The theoretical framework was based on gender studies from Butler (2003) and Louro (2018). The ways in which Rita is viewed in the media are varied. While Claudia magazine presents a more in good standing version of drag, Trip for Women (TPM) explores themes dear to the LGBTQIA + community, without, however, going beyond the question of identity.

KEYWORDS: *Gender. Identity. Representation. Drag Queen. Rita Von Runty.*

¹ Versão do Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora e Pós-Doutra em Comunicação pela USP. Professora do Mestrado de Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. E-mail: tarcyanie@terra.com.br

³ Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso). E-mail: franciscosirtori@gmail.com

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 15 - Volume 02 - Edição 30 - Julho - Dezembro de 2024

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

Introdução

A internet é uma “ágora” (MARCONDES FILHO, 2001), um “não-lugar” (AUGÉ, 2012), no qual abundam modos de existência que reivindicam seus lugares, ressignificando esse espaço e se tornando visíveis aos olhos de inúmeros(as) usuários(as). Entre tantas possibilidades de expressão, as redes sociais aparecem como um espaço para a realização de interações entre os usuários(as) através da criação e compartilhamento de conteúdos e co-criação de vídeos, destacando-se desde os grandes produtores de conteúdo e/ou entretenimento, como canais de televisão e gravadores aos youtubers.

No Brasil, o YouTube é considerado o segundo endereço na web mais acessado e a terceira rede social mais utilizada, sendo a maior plataforma de vídeos online e de *streaming* existente na atualidade, que conta com mais de 1,9 bilhão de usuários inscritos. Lançado em 2005, a plataforma conta com mais de 1,5 bilhão de usuários ativos todos os meses, que passam, em média, uma hora e 15 minutos assistindo a vídeos todos os dias. De acordo com Pereira “400 horas de conteúdo novo são postadas no site. E somente no Brasil, 80% dos internautas acessam o YouTube diariamente”⁴.

48

Entre os(a)s inúmeros(as) youtubers brasileiros (as), Rita Von Hunt nos chamou atenção por ser uma *drag queen* com grande visibilidade midiática, possuindo um canal, chamado “Tempero Drag”, no qual dá aulas e procura politizar os inscritos(as), trabalhando temas como feminismo, empoderamento e LGBTfobia. Além do YouTube, Rita também tem um canal no Instagram, é uma das três apresentadoras do reality brasileiro, *Drag Me as a Queen*, do canal E, colunista da Carta Capital e dá cursos em todo o Brasil com temas sobre política, filosofia e sociologia. Rita, persona do ator e professor Guilherme Terreri, é considerada por ele como uma ferramenta política usada para dialogar com um público muito grande. Isso porque, segundo ele, enquanto forma de expressão artística, ser drag traz à cena conceitos como performance e

⁴ “Conheça a história do YouTube e saiba mais sobre a evolução dessa plataforma”, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://blog.hotmart.com/pt-br/historia-do-youtube/#:~:text=S%C3%A3o%20400%20horas%20de%20conte%C3%BAdo,plataformas%20de%20marketing%20e%20publicidade>.

empoderamento, recriando signos estigmatizados que ganham outro valor e são resignificados. Rita vem chamando a atenção da mídia, sendo pauta de inúmeras reportagens, entrevistas e programas de televisão, além lives em diversos canais no Youtube.

Rita pertence a um fenômeno recente que é da expansão cultural drag nos espaços midiáticos, que ocorre de forma mais ampla e articulada nas mais variadas formas de consumo cultural, que vão desde a música, passando por *reality shows*, revistas, jornais e canais no Youtube. Diante disso, perguntamos de que forma a *drag queen* Rita Von Hunty está sendo visibilizada midiaticamente. Em meio a narrativas conflitantes, como é o caso do cenário contemporâneo, como as mídias fabricam a identidade da *drag queen* Rita? Até que ponto é possível pensarmos em uma desconstrução de esteriótipos tradicionais e heteronormativos?

Por se tratar de uma pesquisa de caráter exploratório, a metodologia inicialmente se baseou em um levantamento documental na internet, em sites de variados veículos midiáticos sobre Rita Von Hunty, em seu canal “Tempero Drag” e em suas participações em canais no Youtube, buscando refletir criticamente como as visibilidades desta Drag queen são promovidas e quais os sentidos lhes são atribuídos. Nos chamou atenção as reportagens sobre esta drag em revistas femininas, que se constituem como um espaço pedagógico em torno sugestões normativas e receituários de conduta, não somente representando a mulher, como também tudo o que pode ser dito ou não como assunto, que diz respeito ao universo feminino. Seleccionamos, então, reportagens sobre a drag queen Rita em duas revistas: a revista Claudia e revista TRIP Para Mulher (TPM), que constituem o *corpus* da análise deste artigo, indicadas para diferentes segmentos e gerações de público. Enquanto a revista Claudia construiu uma fórmula “brasileira” de revista feminina, endereçando-se à dona de casa de classe média; de acordo com Buitoni (2014); a revista TRIP para Mulher (TPM) traz um olhar diferente das outras revistas femininas sobre questões privadas e públicas, incentivando campanhas coletivas e desta forma, indo além da individualização dos discursos. Para realizar este trabalho, também foram realizados levantamento bibliográfico de produções científicas sobre o tema drag queen no google acadêmico. A análise do

material tem como base a análise do discurso de inspiração foucaultiana e o tensionamento com o referencial teórico adotado, que compreende gênero como efeito discursivo e relacional que se manifesta em um regime de diferenças, sendo a identidade uma experiência performativamente constituída.

Ao pressupor que o real não é quantificado, a pesquisa qualitativa trabalha com “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações sociais, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p.21-22). Este artigo alicerçado sobre esse pressuposto divide-se metodologicamente em três momentos: no primeiro, tendo em conta a dificuldade de se definir drag queen, procura abordar este termo conceitualmente através dos estudos queer, especificamente Louro (2018) e Butler (2003). No segundo momento, por meio levantamento bibliográfico e análise sobre o tema drag queens, buscamos a partir de um breve contexto histórico traçar uma visão aproximativa sobre o fenômeno. O terceiro momento discutimos a metodologia empregada e analisamos a formação de práticas discursivas e a produção de identidades sobre Rita Von Runty, nas reportagens de revistas já mencionadas.

Gênero e estudos queer: o (entre) lugar das drags

Guacira Louro (2018), começa seu livro, *Um corpo estranho*, escrevendo sobre as viagens, de como elas impelem às transformações por meio de movimentos, encontros, misturas e desencontros. A viagem é utilizada por esta autora como uma metáfora para pensar caminhos, pelos quais os sujeitos percorrem por entre lugares e culturas. Há viagens de todo tipo, inclusive aquelas que são forçadas induzindo os/as viajantes a uma espécie de limbo, de exílio, um lugar do entre que subverte as separações e os limites. Como nômades, há aqueles/as que não se fixam em lugares, renunciando qualquer sentido de identidade fixa, estando em uma região de encontros, cruzamento e tensionamento. Para Louro, as *drags queens* não apenas desafiam a fronteira regida pela matriz heretossexual, como também a subvertem ao parodiar o

modelo sobre o qual se estrutura e a normatização que a rege, tornando visível a arbitrariedade das divisões, dos limites e das separações.

Em sua “imitação” do feminino, uma drag queen pode ser revolucionária. Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio [...]. A drag escancara a construtividade dos gêneros. Perambulando por um território inabitável, confundindo e tumultuando, sua figura passa a indicar que a fronteira está muito perto e que pode ser visitada a qualquer momento. Ela assume a transitoriedade, ela se satisfaz com as justaposições inesperadas e com as misturas. A drag é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos. Feita deliberadamente de excessos, ela encarna a proliferação e vive à deriva, como um viajante pós-moderno. (LOURO, 2018, e-book sem numeração de página).

As *drag queens* estão associadas a um trabalho artístico com a elaboração de uma personagem caricata e luxuosa, que satiriza sua própria sexualidade e suas manifestações por meio de adereços e de uma performance estilizada expressa através de artes performáticas como a dança, a dublagem e a encenação de pequenas peças. Seus corpos, vestidos de forma caricata como uma mulher, também são modificados pelo gesto, linguagem e voz que exageram uma femimilidade ideal, subvertendo o modelo que copia. As drags são artistas performáticas e não uma identidade de gênero, diferentemente das travestis, por exemplo, que “utilizam próteses de silicone e hormônios na constituição de seus corpos femininos, permanecendo travestidas em seu cotidiano, e não o fazem de maneira exagerada e caricata” (CHIDIAC & OLTRAMARI, 2004, p. 472). Também diferem da Crossdresser, que geralmente é um homem heterossexual, casado e que “frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual” (JESUS, 2012, p.10).

Gênero é entendido a partir do modo como as pessoas se reconhecem através de suas ações e práticas sociais. “Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões

diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero” (JESUS, 2012, p.14).

Drag queen não é um gênero, mas uma performance de gênero realizada por um/a profissional, que ao assumir uma identidade performativa estereotipada imita o mito da originalidade da identidade de gênero, deslocando o seu significado. “A *performance* do *drag* brinca com a distinção entre a anatomia performista e o gênero que está sendo performado [...]. Ao imitar o gênero, o drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero - assim como sua contigência” (BUTLER, 2003, p.196).

Os atos parodísticos, especialmente os das drags, são uma encenação ou imitação da identidade de gênero, que denunciam seu caráter fictício expondo sua arbitrariedade, satirizando com ela, subvertendo-a. Ou seja, segundo Butler (2003, p. 39), os gêneros que não se conformam às normas de matriz heterossexual expõem seus limites e objetivos reguladores, desestabilizando suas categorias naturalizadas, ao impor em seu lugar, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero. Ao parodiar o feminino, a drag queen expõe o caráter artificial do gênero, mostrando que todas identidades de gênero são uma encenação.

Segundo Butler (2003), as identidades de gênero são todas performativas, pois são (re)produzidas como efeito de poder pela linguagem e pelo discurso. O sujeito não é uma substância, mas um termo em processo, pois suas ações não partem propriamente de si mesmo, mas das relações culturais que o permeia. De acordo com a definição da performatividade de gênero:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. A genealogia política das ontologias do gênero, em sendo bem sucedida, desconstruiria a aparência substantiva do gênero, desmembrando-a em seus atos constitutivos, e explicaria e localizaria esses atos no interior das estruturas compulsórias criadas pelas várias forças que policiam a aparência social do gênero (BUTLER, 2003, p. 59).

Nesta concepção, a coerência da identidade de gênero é uma construção fictícia, que pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo. Butler (2003) defende que a matriz de normas de gênero atua a partir de discursos de poder que cria gêneros inteligíveis: aqueles que possuem coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, dados como naturalmente heterossexuais dotados das características de feminilidade ou masculinidade. Desse modo, “a coerência e a continuidade da pessoa não são características lógicas ou analíticas da condição da pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas” (BUTLER, 2003, p. 38).

Nessa perspectiva, tudo o que foge dessa matriz hegemônica binária e heteronormativa é considerada abjeto (*queer*), porque desvia e provoca o borramento de fronteiras. Transsexuais, travestis, crossdresser, transformistas ou e drag queens ou drag kings, ao viverem experiências de deslocamento inventando novas formas de viver e se expressar, fogem ao instuído, performando identidades cujas práticas parodísticas geram efeitos disruptivos no real na medida em que o gênero passa a ser apresentado com o um ato aberto a cisões:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2018, e-book sem numeração de página).

Vejamos, então, como a subversão a esses padrões binários heteronormativos se manifestam em drag queens ao romper com a ideia essencialista de identidades fixas e ontológicas. Uma breve contextualização desta artista performista, apontando a uma transformação na linguagem do transformismo, será o pano de fundo do próximo tópico para pensarmos a dificuldade de tentarmos estabelecer um conceito para compreendê-la,

pois como bem explicita Bragança (2019, p.52), “Drag não é apenas um termo, mas um movimento”, que vem se transformando ao longo do tempo.

Drag Queens: visibilidades, performances e gênero

A a performance *drag* é muito antiga, remontando a diferentes contextos históricos e culturas como, a grega, japonesa, indiana ou tailandesa, quando os homens faziam papéis de mulheres no palco. Dependendo do contexto histórico e da cultura envolvida, a arte drag tem sido performada e recebida de diversas formas e apesar de existir variações no tocante a sua performance e função, a questão do estranhamento sempre foi uma característica marcante nessa forma artística⁵. Segundo Bragança da Fonseca (2019, p.31), é apenas na virada do século XX que as drags queens ganham contornos próximos da atualidade e se tornam “[...] a coqueluche dos palcos e a atração cômica mais carismática do início do século XX”, com a figura da dama pantomímica, que “abrigava uma alta variação de personas e incluía elementos do clown, da comédia stand up e do canto popular”. Ainda conforme este autor, com a primeira guerra mundial, “começa a crescer um movimento anti-homossexual que se proliferou em toda a mídia impressa e colocou as drag queens no anonimato por mais de uma década”. Nos anos 1950 e 1960, com o advento da televisão, da cultura pop, dos movimentos feminista e gay, surgiram novas drags queens que assumiram um papel de transição entre a dama pantomímica e a nova era de personificação feminina. As transformações das mulheres que incorreram em uma maior liberalização, inclusive de seu visual, provocou mudanças nas performances artísticas das drags, que personificavam grandes estrelas em seu repertório com canto, dança e improviso. Até os anos 60, as drags estavam divididas entre as que criavam a personagem cômica e as que se espelhavam nas grandes divas do pop. Contudo, à temática da diversão se juntará a temática política e social, pois a performance artista passa a ser vista como um ato político e a drag queen se torna um dos maiores símbolos da luta pelos direitos gays. Nesse momento, as drags

⁵ Autores como MANAJÁS (2019), BRAGANÇA DA FONSECA (2019), BRAGANÇA (2019) traçam um percurso histórico sobre o surgimento e as transformações de drags queens.

deixam os espaços circunscritos onde se apresentavam e passam a se inserir na indústria midiática, que se ampliará nas próximas décadas:

Durante as décadas de 70 e 80, as drag queens não só se resumiram a aparições em show em bares, mas alcançaram o rádio, a televisão, a Broadway – musicais como *Alô, Dolly!* e *A gaiola das loucas* – e o mundo do cinema. Nos filmes, não só participariam em drag, mas como tema condutor da narrativa: *Priscilla, a rainha do deserto*; *Para Wong Foo, obrigada por tudo!* – Julie Newmar; *Tootsie*; a versão cinematográfica de *A gaiola das loucas*; *Quanto mais quente, melhor*; e *Uma babá quase perfeita* são exemplos de filmes que abordam o tema drag queen (AMANAJÁS, 2016, p.17).

Quando voltamos os olhos ao Brasil, descobrimos que a atuação e presença da drag queen é antiga, estando associada a shows em casas noturnas desde os anos 70, mas podemos acompanhar sua possibilidade de aparecimento muito antes, com as suas antecessoras, as transformistas, cujas apresentações ultrapassaram o ambiente LGBT, na medida em que conquistaram visibilidade midiática e valorização artística com suas apresentações em teatros e televisão. Essa abertura do cenário musical e teatral brasileiro acabou sendo um dos maiores propulsores para a entrada das transformistas na televisão. “O programa *Show de Calouros*, no ar a partir de 1977 no SBT, criou uma categoria específica para essa performance. O concurso das transformistas virou, então, um dos maiores destaques do programa” (BRAGANÇA, 2019, p.533). O documentário *Divinas Divas* lançado em 2017, dirigido por Leandra Leal, ao mostrar a trajetória artística de oito artistas lendárias e pioneiras travestis desde a década de 1960, indica um contexto paradoxal no qual a opressão institucional da ditadura militar se bate com as linhas de fuga de uma cultura experimental e libertária.

Segundo Bragança (2019), o advento da AIDS e sua associação à comunidade LGBT acabou esvaziando o ambiente cultural predominante na década anterior no qual os heterossexuais frequentavam os mesmos ambientes dos homossexuais. Os shows, assim, perderam seu público e a cena transformista foi se desestruturando. Uma reviravolta ocorre a partir da década de 1990, quando a mídia estadunidense causa grande impacto na cena performática através de eventos que publicizam um novo

padrão estético, com as músicas de RuPaul nas rádios, em 1993; o lançamento do filme, em 1994, Priscila, a Rainha do Deserto com direção de Stephan Elliot; e, em 1995, Para Wong Foo, Obrigada por Tudo!, com direção de Beeban Kidron. Enquanto Priscila, a Rainha do Deserto, teve seu lançamento em circuitos alternativos, Para Wong Foo, Obrigada por Tudo! foi lançado no circuito de cinemas de shopping.

É a partir desse período que a cultura drag, tal qual a compreendemos hoje, passa a existir no Brasil [...]. Essa profunda repaginação da estética e da cultura drag ocorreu não apenas por influência das tendências internacionais vindas com produtos midiáticos, mas também visando a busca por sobrevivência por meio de uma reformulação cultural que estivesse mais alinhada às novas demandas das casas noturnas. Isso porque, quase simultaneamente, houve uma mudança do paradigma musical em que a música eletrônica passa a reger as casas noturnas e o DJ passa a ser a figura central da noite (BRAGANÇA, 2019, p.536).

Se até então, as drags estavam restritas às casas voltadas ao público LGBT, a partir dos anos 1990 elas vêm sendo absorvidas pelo *mainstream*, por meio de eventos de ativismo, mídia e pela cultura pop. Campanela (2017), por sua vez, associa a popularização das drags queens no Brasil, especialmente ao sucesso do reality show de talentos do americano *RuPaul's Drag Race*, realizado pela produtora World of Wonder e estreado em 2009. Popularizado no Brasil e exibido em canais a cabo, como Multishow e Comedy Central, na internet, em ferramentas online para acompanhar o programa e em ferramentas de busca de conteúdo pirata, além da netflix, o programa exhibe a cultura drag e traz relatos da vida real dos personagens. Inúmeras drags queens, como Penelopy Jean, Lorelay Fox e Ravena Creole, consideram esse programa como um “divisor de águas”.

O *reality* procura por uma *drag queen* que consiga receber o título de “America’s Next Drag Superstar”, com base em uma competição na qual são testadas habilidades de canto, dança, costura, humor e personalidade, por uma banca de jurados que auxiliam o apresentador RuPaul⁶ no veredito final. “Além de disseminar a cultura

⁶ Bragança da Fonseca (2019, p.82-83) observa que a carreira de RuPaul Charles foi marcada pela indústria do entretenimento e show biz, sendo “a primeira drag queen a alcançar notoriedade fora do

gay e a arte das drag queens, o show tem aberto possibilidade e espaço para vários artistas drags poderem ser vistos e reconhecidos por seus trabalhos” (AMANAJÁS, 2016, p.19).

No Brasil, o reality show *Drag Me As a Queen*, que estreou no dia 20 de novembro de 2017 no canal E!, é o primeiro programa brasileiro a ter *drag queens* como apresentadoras. Podemos dizer que seu aparecimento se relaciona com o sucesso que o programa *RuPaul’s Drag Race* teve em terra tupiniquim. Com apresentação das drag queens Penelopy Jean, Rita Von Hunty e Ikaro Kadoshi, o programa objetiva ajudar mulheres em crise a libertar a “queen” que existe dentro delas, transformando-as a partir de seus próprios gostos. O programa ouve as histórias, memórias, frustrações, sonhos e ambições das convidadas que são transformadas em divas numa construção feita pelas três drags apresentadoras. “O objetivo é levantar a autoestima das mulheres numa dinâmica lúdica e animada, com maquiagem, figurino e performance” (CASTRO, 2018). A atração não apenas segue a tendência de inserção midiática do fenômeno drag, como também aumenta o seu espaço, fazendo grande sucesso no canal, que por esse motivo passou a ser transmitido em toda América Latina e México⁷.

Houve um reavivamento cultural drag nos espaços midiáticos nos últimos anos, no qual drag deixa de ser visto apenas em redutos alternativos e passa a fazer parte do *mainstream*. Na cena midiática musical brasileira, cantoras drag como, Pablo Vittar, a rap Gloria Groove e Mc Linn da Quebrada fazem sucesso. Além do reality americano RuPaul’Drags Race e do brasileiro *Drag Me As a Queen*, ainda há no youtube “um universo de 61 canais, sendo que alguns são protagonizados por coletivos, como no caso do Drag-se, logo, nesse âmbito transitam mais de 61 drags” (OSTRUCÁ, 2020, p.17).

circuito LGBT com seu hit Supermodel (You Better Work) de 1993. RuPaul foi também vocalista da banda Wee Wee Pole, ator em mais de 50 filmes e seriados, além de jurado e apresentador em diversos programas televisivos. Gravou também a música Don’t Go Breaking My Heart Em sua carreira, a drag já gravou mais de 14 álbuns, escreveu dois livros e possui, inclusive, uma estátua no mundialmente conhecido museu de cera Madame Tussaud’s e uma estrela na calçada da fama. Em 2016, alcançou um novo pico em sua trajetória quando foi o vencedor do Emmy na categoria apresentador de reality show”.

⁷“Reality brasileiro com drags será exibido em outros países”. 01 mar. 2018. Disponível em <https://revistaquem.globo.com/TV-e-Novelas/noticia/2018/03/reality-brasileiro-com-drags-sera-exibido-em-outros-paises.html>. Acesso em: 26 out. 2020.

Seguindo essa tendência, Rita Von Hunty aparece como uma drag que se insere em diversos segmentos midiáticos que vão desde reality show, seu canal no Youtube “Tempero drag”, sua participação como colunista na Boitempo e em diversos canais de Youtubers de esquerda, de jornalistas e artistas, além de entrevistas em várias revistas e jornais.

A drag Rita é performada pelo ator Youtuber, comediante e professor Guilherme Terreri Pereira, nascido em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, em 1990. O ator é formado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

Foi no carnaval de 2013 que Rita Von Hunty debutou para a cena drag de São Paulo, e dessa forma, segundo Guilherme, começou a se profissionalizar, sendo convidada para participar de uma festa. A inspiração para Rita vem do reality show *RuPaul's Drag Race*. Para Guilherme, sua admiração artística por uma das participantes, Carmen Carrera, que durante a temporada se descobriu mulher transgênero e por sua “performance cênica tão verdadeira” (MERES, 2015), incentivou-o na construção de Rita.

Rita Von Hunty é um nome inspirado na atriz Rita Hayworth e na dançarina burlesca Dita Von Teese. Outras inspirações vem das atrizes Jean Harlow, Joan Crawford e Sophia Loren. Guilherme diz que tem “alma meio de velho” e levou isso para Rita, uma dona de casa vintage, com visual inspirado nas atrizes de Hollywood e nas *pin-ups* dos anos 40, 50 e 60. Compara Rita a Betty Boop, “estonteantemente bonita”. Outras nuances de Rita vem da avó, que era sempre impecável na roupa e maquiagem e de sua mãe, a qual “tinha um humor muito mordaz, um sarcasmo afiadíssimo, uma ironia”, conta ao Jornal do Campus (MERES, 2015). “Esse humor mordaz, que machuca, me interessa muito. O Gil Vicente falava que através do riso se critica a moral, se criticam os costumes. E eu sempre achei que ele estava muito certo, que o riso é uma arma política fortíssima” (MERES, 2020).

Rita Von Hunty aparece como notícia no meio digital pela primeira vez em setembro de 2013, no site da Revista Época, na seção Guia de festas e baladas, sendo

citada como uma das atrações que animaria a festa pop Recalque, em São Paulo. Volta a cena do noticiário em outubro de 2015 como uma das atrações do Programa Xuxa, na rede Record de televisão, interpretando o clássico *Dancing Queen* do grupo ABBA.

Abordada por uma produtora de vídeos, Rita é convidada para estrelar um canal de programa na plataforma digital Youtube. A proposta de conteúdo foi da própria Rita, "só se for um programa de culinária". Assim nasce em 2015 o *Tempero Drag*, um programa de culinária vegana, apresentado por uma *drag queen* fazendo um "humor crítico e politicamente incorreto" (MERES, 2015), declara o ator ao jornal. Feito de maneira improvisada e com a participação de convidados, alguns episódios na época da reportagem já contavam com mais de 20 mil visualizações. Posteriormente, o canal deixa de ser um programa de culinária vegana e passa a tratar temas de cunho político, por meio de aulas performáticas de Rita sobre diversos assuntos. No final de 2016 Rita foi selecionada para ser uma das três drags apresentadoras da primeira temporada do reality show brasileiro "*Drag Me As a Queen - Uma diva dentro de mim!*", produzido pelo Canal de televisão E!. Desde então, a sua aparição na cena midiática tem sido constante, sendo reproduzida de diversas formas. Vejamos como esta drag é visibilizada em duas revistas femininas, de grande circulação no país.

Comentários sobre a metodologia e análise do corpus

Este artigo se apoia na análise do discurso inspirada em Michel Foucault, na qual ao invés de partir de sujeitos fundantes para se compreender os fenômenos, o olhar se volta para os efeitos de sentido sobre os quais os discursos e enunciados se formam e se conformam. Isso porque, "os dizeres e os fazeres inserem-se em formações discursivas, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação" (GREGOLIN, 2007, p. 14).

Regras que se inserem nas condições de produção de um dado discurso, histórica e socialmente localizado, pois diferentemente da língua, o discurso se materializa em textos falados ou escritos, corpos, gestos, imagens, ou seja, em enunciados que integram práticas discursivas por meio das quais se constroem e se mantêm as posições sujeito e

efeitos de identidade, já que estas estão em processo de mudanças e transformações. Muito embora as identidades sejam fluidas e contraditórias, as suas representações são inscritas em “tecnologias de gênero” (LAURETIS, 1994), que são produtos culturais que representam os valores de gênero, recriam e reinventam esses valores. A mídia constitui-se hoje na principal produtora de identidades criando sistemas de representações por meio da mediação entre seus leitores e a realidade. “O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta” (GREGOLIN, 2007, p.16), produzindo discursivamente efeitos de verdade, que agem como disciplinadores do corpo social por meio de uma ampla oferta de modelos difundidos e impostos socialmente por processos de imitação e formas ritualizadas. “Esses modelos de identidades são socialmente úteis pois estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que simbolicamente inserem o sujeito na ‘comunidade imaginada’”. (GREGOLIN, 2007, p.17).

Na ecologia sobre a qual se estabelece a mídia, as revistas são dispositivos que fazem circular representações ancoradas em discursos que se materializam em práticas sociais difundidas pela sociedade da qual fazem parte. A escolha de duas revistas femininas *Claudia* e *Trip para Mulher (TPM)*, de grande circulação no mercado brasileiro, se relaciona com a importância que a segmentação adquiriu na segunda metade do século XX, deslocando o enfoque do produto para o público-alvo. A partir daí, o marketing se detém a entender as necessidades, gostos e desejos dos consumidores, numa cultura que os ensina o que desejar. As revistas segmentadas, dessa forma, buscam seu público-alvo por meio da demarcação das diferenças entre eles.

O leitor passa a ser visto como um consumidor em potencial e o editor torna-se um especialista em grupos de consumidores. Um especialista que encontrou a fórmula editorial capaz de atrair no mercado nacional o grupo de consumidores que determinados anunciantes querem atingir. Uma vez encontrada essa fórmula, tende a se repetir, mês após mês, ano após ano (MIRA, 1997, p.72).

Nessa perspectiva, a revista Claudia é destinada às mulheres de classe média urbana, especialmente as casadas, e constitui-se como uma das revistas femininas mais lidas no Brasil, destacando-se na imprensa da América Latina. Lançada em 1961 pela editora Abril, para a mulher dona de casa preocupada com o lar e com o consumo, esta revista tem passado por inúmeras transformações adaptando-se as mudanças não apenas no conteúdo de suas reportagens, como também na forma. Hoje, a revista pode ser acessada pela internet, estando em diversas mídias sociais, como por exemplo, o facebook e o instagram. Tal como o seu formato impresso, o online abrange diversos assuntos como, maternidade, comportamento, saúde, entretenimento, carreira, beleza, entre outros, e apresenta-se a partir da nomenclatura “femininos plurais”. A revista parece, senão atendida, pelo menos familiarizada com o feminismo da terceira onda, para o qual não há um conceito universal de mulher.

Na sessão “Sua Vida: comportamento, família, trabalho, carreira, dinheiro, consumo, inspirações e reflexão sobre o nosso tempo”, da revista, encontramos uma matéria em 2019 intitulada “Conheça Rita Von Hunty: a drag queen que ensina sociologia no Youtube – Guilherme Terreri conquistou audiência ao refletir sobre estereótipos de gênero”. A matéria começa apresentando Guilherme Terreri, como o principal personagem dos vídeos do canal Tempero Drag, falando sobre a origem do seu trabalho, desde a época em que seu canal era destinado a ensinar receita vegana. Em uma linguagem leve, a revista diz que o canal possui

uma lista de referências bibliográficas nos melhores moldes acadêmicos, (...), que lembra a moda das décadas de 1950-1970, Rita oferece aulas-cápsulas espirituosas sobre debates contemporâneos (e possivelmente tensos), como monogamia, consciência de classe e discurso de ódio (PAIVA, 2019).

A revista ainda menciona a mudança do canal, que inicialmente era sobre receitas veganas para a versão atual, da seguinte forma:

Com o tempo, entretanto, o paulista passou a se questionar se o público entendia que as opiniões deturpadas de Rita eram uma sátira. Mudou então a caracterização. Também sentiu que era urgente tratar

de temas que não tinham nada a ver com cozinha ou comida vegana. E assim a expressividade de Rita se tornou útil para tratar questões espinhosas (PAIVA, 2019).

A revista Claudia fala sobre a formação acadêmica de Guilherme, associando –a com a performance intelectual de Rita no canal que “discute tantos temas com profundidade”, repassando-os “ao público que não tem paciência ou proximidade com a academia”. A reportagem ainda mostra, em linhas gerais, o que é drag queen e sua diferença às identidades de gêneros, como transsexuais e travestis, por meio das palavras do ator, ao dizer que ser drag “é fazer uma performance que destrói as normas de gênero e contradiz o que é esperado do comportamento de homens e mulheres” (PAIVA, 2019).

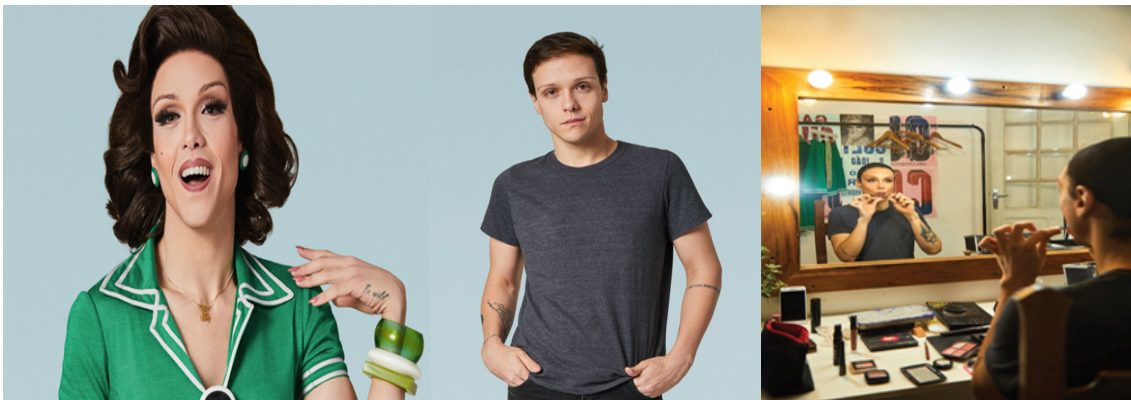


Figura 1

Figura 2

Figura 3

Fonte: revista Claudia

A revista também lança mão de imagens para apresentar ao seu público a drag Rita Von Huntty por meio da foto da drag já montada (figura 1), do seu performer, o ator Guilherme Tirré (figura 2) e do processo de montagem sendo realizado pelo ator, com ele se maquiando (figura 3). A revista encontra uma forma leve e superficial ao apresentar a professora drag que se autointitula de esquerda. Em nenhum momento a reportagem diz que Rita é uma professora de esquerda marxista e que a mudança da temática vegana para o que descreve como “temas mais espinhosos” está relacionada

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 15 - Volume 02 - Edição 30 - Julho - Dezembro de 2024

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

com o que Guilherme chama de falta de pensamento crítico, que a própria revista trata de apagar quando escreve que “Rita oferece aulas-cápsulas espirituosas sobre debates contemporâneos (e possivelmente tensos)” (PAIVA, 2019). Tampouco, há uma discussão mais aprofundada sobre o significado da palavra mulher que vá além do padrão binário heteronormativo, atuante no ideário da classe média branca. Os femininos plurais poderiam ser problematizados indo além das frases de efeito e do universo de consumo direcionado ao público-alvo estipulado pela revista.

Diferentemente da revista Claudia, a revista Trip para Mulher (TPM) se assume como diferente do que existe no mercado das revistas femininas brasileiras e propõe apresentar diferentes representações femininas, inclusive aquelas fora dos padrões heteronormativos. Lançada em 2001, com uma tiragem de 36 mil exemplares/mês, segundo a revista:

não faz o menor sentido tratar a mulher como menor, ansiosa, incapaz de tomar decisões próprias, fácil de manipular, como uma espécie de incapaz. É exatamente assim que a mídia e a sociedade tratam a mulher até hoje. Falamos de aborto, de todos os temas tabus com um nível de provocação, leveza e humor. Eu acho ótimo que outros títulos femininos tenham finalmente, assim como algumas marcas, visto que não dava para ficar com aquela postura totalmente anacrônica, para não dizer estúpida. Não gosto da expressão de empoderamento, acho que está desgastada. Preferimos falar em igualdade de gênero (LIMA, 2016).

Nesse sentido, a Trip busca atingir mulheres que não se sentem representadas em outras revistas femininas no país, já que apresenta um projeto editorial mais inovador e voltado para as “mulheres independentes”. Segundo Lima (2019, p.74), apesar de repetir alguns modelos presentes em outras revistas femininas, “na maioria de suas matérias, a revista sempre evitou divulgar fórmulas prontas ou manuais para resolver as questões e problemas associados às temáticas femininas, prática bastante comum nas demais publicações do gênero”. É nessa perspectiva que a TPM produz a reportagem sobre a drag Rita Von Hunty. Uma imagem sensual de Rita, com peruca loura platinada e um vestido decotado brilhante em um fundo escuro, que nos faz

lembrar Marilyn Moroe, abre a página da reportagem, com a seguinte manchete em caixa alta: “Rita Von Hunt: consciência de classe com humor”. Logo abaixo, no lide: “‘É muito difícil pensar em vencer a LGBTQIA+ sem uma reforma de mentalidades’, diz Guilherme Terreri, que dá vida à Rita. ‘Precisamos visibilizar os corpos e vozes ainda tão invisíveis’” (AMARAL, 2021).



TPM / ARTE / DIVERSIDADE / INTERNET / LGBT / POLÍTICA / TEATRO

“É muito difícil pensar em vencer a LGBTQIA+fobia sem uma reforma de mentalidades”, diz Guilherme Terreri, que dá vida à Rita. “Precisamos visibilizar os corpos e vozes ainda tão invisíveis”

Figura 4. Fonte: Revista Trip para Mulher (TPM)

Vemos então a revista dar destaque à pauta LGBTQIA+ e em seguida apresenta outra frente em que a drag atua, trazendo o vídeo Rita em 5 minutos de temática marxista, “consciência de classe”, em seu canal Tempero Drag, para que as leitoras possam ver, alegando que este vídeo foi reproduzido mais de 800 mil vezes. Trata-se de uma crítica com muito humor, endereçada “a pobre de direita ou classe média baixa, que tem certeza que é rica”, conforme adverte a reportagem, reproduzindo a fala de Rita. Por se tratar de uma reportagem feita na época da pandemia, a entrevista toca em assuntos que vão desde como foi filmar nova temporada de “Drag Me As A Queen” em

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 15 - Volume 02 - Edição 30 - Julho - Dezembro de 2024

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

dezembro, em meio a pandemia, a temas como morte, luto, a família de Guilherme, sua profissão de ator e professor, o aparecimento de Rita, seu empenho em debater temas como feminismo, racismo e LGBTQIA+ fobia e seu enfrentamento a onda do conservadorismo e a tentativa de resistir as diversas violências.

Trata-se de uma reportagem relativamente grande na qual Guilherme responde as perguntas simples e diretas com uma reflexão profunda. Ao responder sobre como lidou com a morte de sua mãe aos 21 anos, Guilherme problematiza a sua dificuldade em sentir o luto, refletindo como faz isso parte de um contexto maior:

A nossa cultura não nos instrumentaliza para lidarmos bem com a morte. Na verdade, a gente lida mal com a educação sentimental como um todo. Somos criados em um sistema que menospreza os sentimentos. A gente vive na barbárie. Somos profundamente carentes de ferramentas para trabalharmos as emoções. Portanto, somos infelizes, violentos e mal resolvidos. Nossas humanidades são sucateadas (AMARAL, 2021).

A revista também levanta questionamentos sobre temáticas relativas à democratização do debate sobre feminismo, racismo e LGBTQIA+ fobia, perguntando a Guilherme qual a sua importância neste debate. Ele fala sobre a falta de acesso da população brasileira à internet, que segundo ele, é uma bolha de privilégios e, nesse sentido, Rita tem alcance pouco limitado. A revista também pergunta o porquê da onda conservadora hoje, deixando claro o seu posicionamento progressista, inclusive ao reproduzir a resposta de Guilherme, que associa o conservadorismo à despolitização da classe trabalhadora, a partir de um discurso marxista:

Na minha visão, o conservadorismo está intimamente ligado com uma despolitização da classe trabalhadora e com uma dilapidação dos direitos dessa classe e seu empobrecimento. A soma desses fatores costuma resultar na ascensão da extrema direita. Quando a classe se despolitiza, empobrece, se enfurece e não consegue se mobilizar em outra direção, se mobiliza em direção ao fascismo, ao grande pai, a ordem, ao grande salvador, ao messias (AMARAL, 2021).

O caráter pedagógico da reportagem se mostra a partir da exploração de vários temas, como a pergunta que a revista faz se muita gente confunde Rita com uma mulher trans e qual seria a diferença para quem ainda não sabe. Sobre isso Guilherme diz que já fez um vídeo explicando que ele não é uma mulher, que a Rita não é uma mulher trans, e sintetiza dizendo: “A drag é uma forma de fazer arte, de pintura, de dança, de escultura. Quando a gente fala sobre trans, a gente fala sobre um lugar no mundo. A drag não é um lugar no mundo, ela é um fazer artístico. Ser trans é ocupar um lugar no mundo”.

Dessa forma, encontramos na Trip a defesa das identidades de gênero, especialmente ao perguntar a Guilherme como frear a violência LGBTQIA+, depois de afirmar que o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo. A resposta de Guilherme pressupõe um público letrado, dotado de um certo “capital cultural” (BOURDIEU, 2007), que possibilite a compreensão de conceitos ainda circunscritos a determinados ambientes mais intelectualizados:

É preciso entender que a violência de gênero é organizada pela supremacia da heterocisnormatividade via capitalismo. E os corpos LGBTQIA+ valem menos dentro desse sistema. E valem menos simbolicamente, mas também na sua forma mais óbvia, de trabalho vivo, transformado em trabalho morto muito difícil pensar em vencer a LGBTQIA+ fobia sem uma reforma de mentalidades. Os conservadores usam o biopoder para defender as crianças, o futuro, a família. Mas quais crianças, quais futuro e quais famílias? (AMARAL, 2021).

Nessa perspectiva, concordando com Buitoni (2014), a revista TRIP abre espaço para um discurso que vai além da mulher pensada apenas enquanto indivíduo consumidor, frequente nas revistas femininas, abarcando também questões relacionadas a causas coletivas, que incidem no âmbito público e incentivam uma ação comum.

Considerações finais

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 15 - Volume 02 - Edição 30 - Julho - Dezembro de 2024

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

Por meio do levantamento do material e das análises realizadas, verificamos que há uma considerável inserção midiática no Brasil do fenômeno *drag queen*, que passa a ser visto como uma performance de gênero. Rita pertence a um fenômeno recente que é da expansão cultural drag nos espaços midiáticos *mainstream*, apresentando-se não apenas como uma ativista política, como Guilherme Terreri costuma dizer, mas também como uma professora e intelectual muito atuante. Percebemos uma junção entre o entretenimento e reflexão crítica. Sua proposta política é apresentada não apenas a partir de sua performance de gênero, fazendo-nos pensar, através de sua montagem e estilização, a fluidez das identidades, mas também por marcar um território a partir de um discurso político bem definido, no caso, o marxista.

Rita é uma representação feminina glamourosa, afável, provocante e sensual, como as *pin ups* nas quais Guilherme se inspira. Suas ironias, piadas desconcertantes, inteligência e um amplo repertório intelectual, que a faz discutir com desenvoltura sobre uma diversidade de temas, rompe com uma construção normativa alicerçada no pressuposto de que os gênero feminino não pode ter voz, não pode ser inteligente, especialmente ser for atraente. Louro (2016), numa perspectiva *queer*, entende que as *drags queens* subvertem a ideia de gênero quando, através de sua montaria, demonstram que os gêneros e a identidade sexual não são naturais. Apesar desta contradição, Rita não é uma personagem desordeira e estranha. Os modos pelos quais ela é visibilizada midiaticamente são variados. Neste artigo, analisamos duas revistas femininas de perfis diferentes. Enquanto a revista Claudia apresenta uma versão mais comportada da drag; a revista Trip para Mulher (TPM), conforme sua linha editorial, dá mais espaço ao lado seu subversivo, explorando temas caros à comunidade LGBTQIA+, sem contudo, explorar aspectos que vão além da questão identitária. Apesar de importante, esta por si só não abarca as múltiplas questões que dizem respeito aos problemas vivenciados pela comunidade LGBTQIA+, pois as opressões são diversas e complexas, incidindo sobre gênero, classe e raça. Assim, apesar de trazer inovações e reportagens críticas com matérias inteligentes e mais reflexivas, esta revista ainda destina-se à mulher pensada como consumidora, portanto, assentada em valores individualistas próprias a uma economia capitalista.

Referências

AMANAJÁS, Igor. Drag Queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. **Revista Belas Artes**, 16ª edição, São Paulo, 2015. Disponível em: [http://bit.ly/2xSbKyb]. Acesso em: 22 abr 2020.

AMARAL, Denise M. Rita Von Hunty: consciência de classe com humor. *Revista Trip para Mulher (TPM)*. Disponível: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/rita-von-hunty-consciencia-de-classe-com-humor>. Acesso em: 22 fev. 2020.

AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papius, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

BRAGANÇA, Lucas. Fragmentos da babadeira: história drag brasileira. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. 2019 jul.-set.;13(3):525-39. Disponível em: [www.reciis.icict.fiocruz.br]. Acesso em: 15 out. 2020.

BRAGANÇA DA FONSECA, Lucas. BraDrag : Corpo, Mídia e Afeto / Lucas Bragança da Fonseca. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, 2019.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Revistas Femininas: ainda somos as mesmas como nossas mães. **Revista Comunicare - Dossiê Feminismo**. São Paulo, v.14, nº 1, 1º semestre 2014. p. 36-44. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wpcontent/uploads/2015/08/Revistas-femininas-ainda-somos-as-mesmas-como-nossasm%C3%A3es.pdf>. Acesso em: 11/12/2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPANELA, Nathalia. O ato político atrás da drag queen: desmontando o essencialismo dos gêneros. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

CASTRO, Daniel; PERLINE, Gabriel. Drags do Brasil superam Kardashians e lideram audiência de canal da TV paga. **Uol**. Ed. 31 out. 2018. Disponível em: [https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/drag-queens-do-brasil-superam-kardashians-e-lideram-audiencia-de-canal-da-tv-paga--23030?cpid=txt]. Acesso em: 20 set. 2020.

CHIDIAC & OLTRAMARI. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia** 2004, 9(3), 471-478. Disponível em: [<https://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>.] Acesso em: 22 ag. 2020.

GREGOLIN, M. Do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção das identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, vol. 4 n. 11, 25 nov. 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>. Acesso: 20 jan. 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília: Publicação online, abr.2012. Disponível em: [http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/orientações_população_trans.pdf?1334065989]. Acesso em: 20 de out. 2020.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LIMA, Paulo. Trip: a viagem dos 30 anos da revista. [18 out. 2016]. **Meio & Mensagem**. 152 Entrevista concedida a Isabella Lessa. Disponível em: <http://dev.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/10/18/aos-30-trip-alimenta-projetoscustomizados-para-marcas.html>. Acesso em: 20/02/2021.

LIMA, Samanta P. da Rocha. A construção do feminino nas capas de revista TRIP para mulher TPM. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3ª. Ed. Edição do Kindle. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MARCONDES FILHO, C. Haverá vida após a internet? **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 16, dezembro 2001. Disponível em: [<file:///C:/Users/tarcy/Downloads/3136-Texto%20do%20artigo-10508-1-10-20080410.pdf>]. Acesso em: 22 jul. 2020.

MERES, Juliana. Aluno da FFLCH dá vida a drag queen. **Jornal do Campus USP**. 05 dez 2015. Disponível em: [<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2015/11/aluno-da-fflch-da-vida-a-drag-queen/>]. Acesso em: 19 set. 2020.

MINAYO, C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MIRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril. **Tese** (Doutorado em sociologia). Instituto de Filosofia e Ciência Humanas. Campinas: UNICAMP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280039?mode=full>. Acesso em: 27 agosto 2019.

OSTRUCA, Douglas Henrique. Tutoriais em (des)montação: uma cartografia de corpos eletrônicos drag na plataforma. **Dissertação (Mestrado)**- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2020.

PAIVA, Leticia. Conheça Rita von Hunty, a drag queen que ensina sociologia no Youtube. Site da **Revista Claudia**. Editora Abril. Atualizado em 17 fev 2020 - Publicado em 20 out 2019. Disponível em: [<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/conheca-rita-von-hunty-a-drag-queen-que-ensina-sociologia-no-Youtube/>]. Acesso em 20 set. 2020.